

ATIVIDADE DE BIBLIOTERAPIA COM USUÁRIOS DOS CENTROS DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL NA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFSC

Ricardo de Lima Chagas

Mestre em Gestão de Unidades de Informação pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Bibliotecário/Documentalista na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).
E-mail: ricardo.chagas@ufsc.br

Daniella Camara Pizarro

Professora adjunta no Departamento de Biblioteconomia e Informação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).
E-mail: daniellapizarro@hotmail.com

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo relatar a experiência de uma atividade de biblioterapia realizada na Biblioteca Central da UFSC, com os usuários dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) do Município de Florianópolis. O estudo mostra, também, a importância do diálogo e das ações entre instituições distintas como uma maneira importante de se pensar a interdisciplinaridade no campo da Biblioteconomia e da área da Saúde Mental. A atividade de biblioterapia foi desenvolvida por meio da leitura de duas obras pré-selecionadas: “*O trem da amizade*” de Wolfgang Slawski e “*O menino Nito*” de Sonia Rosa. Este relato aponta para a importância da biblioterapia como uma ação que pode proporcionar a catarse, liberando emoções e afetos que muitas vezes se encontram reprimidos nos sujeitos. A leitura possibilita a abertura de novos horizontes e permite ao leitor a construção do seu mundo interior como afirmação e empoderamento. A construção deste relato de pesquisa teve como motivação principal, o eixo temático 2: *Ninguém fica para trás*, do 28º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação.

Palavras-chave: Biblioterapia. Saúde mental. Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). Biblioteca Central (BC/UFSC).

BIBLIOTHERAPY ACTIVITY WITH USERS OF CENTERS OF PSYCHOSOCIAL ATTENTION IN THE UFSC CENTRAL LIBRARY

ABSTRACT

This research aims to relate the experience of a bibliotherapy activity performed at the UFSC Central Library with the users of the Centers of Psychosocial Attention (CAPS) of Florianópolis. The study also shows the importance of dialogue and actions between different institutions as an important way of thinking about interdisciplinarity in the field of library science and in the area of mental health. The bibliotherapy activity was developed by reading two pre-selected works: “*The tremendous friendship*” by Wolfgang Slawski and “*The boy*

Nito” by Sonia Rosa. This report points to the importance of bibliography as an action that can cause catharsis, releasing emotions and effects that are often suppressed in situations. Reading allows the opening of new horizons and allows the reader to construct his inner world as a declaration and empowerment. The construction of this research report had as its main motivation, or the thematic axis 2: *Nobody is left behind*, in the 28th Brazilian Congress of Library, Documentation and Information Science.

Keywords: Bibliotherapy. Mental health. Centers of Psychosocial Attention (CAPS). Central Library (BC/UFSC).

1 INTRODUÇÃO

Mesmo que este artigo não trate diretamente sobre a questão da interdisciplinaridade, achamos importante iniciá-lo trazendo para o centro da discussão essa temática tão relevante para os tempos atuais. Em nosso contexto social, político e cultural é preciso reconhecer as redes não apenas do ponto de vista tecnológico, mas as redes do ponto de vista simbólico para compreendermos a estrutura social e a interação/relação dos indivíduos uns com os outros e com o próprio mundo. Podemos dizer que pensar a interdisciplinaridade é refletir sobre o campo do possível, da criatividade, do saber e da ação. Neste caso, a interdisciplinaridade torna-se um fator importante quando pensamos a questão da biblioterapia no âmbito da saúde mental. Mas afinal, por que essa afirmação? Bem, a biblioterapia refletida por esse viés exigirá, de certo modo, a necessidade de superação dos limites do próprio campo de estudo e da ocupação profissional. Lidar com a biblioterapia é adentrar no universo do livro, da leitura, da Biblioteconomia, da Saúde Mental, da ética, do diálogo, da compreensão humana, da alteridade e do cuidado com o ser.

Ainda sobre essa discussão, quando nos debruçamos no campo da interdisciplinaridade e da possibilidade de transpor, também, os limites institucionais e profissionais, podemos transitar no âmbito e no diálogo entre as Bibliotecas Universitárias e os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). Portanto, a interdisciplinaridade entre as áreas da Biblioteconomia e da Saúde Mental nos possibilitou o dialogar entre áreas e instituições distintas, ao desenvolver atividades que têm a pretensão de contribuir com o

desenvolvimento humano e social. Neste sentido, podemos dizer que a biblioterapia foi uma atividade importante para concretizar esse diálogo entre as duas instituições.

As bibliotecas universitárias desempenham um papel importante dentro da sociedade no que se refere ao desenvolvimento científico, social, cultural e tecnológico. Além desse papel, elas apoiam as atividades de ensino, pesquisa e extensão por meio de seus espaços físicos, acervos e dos serviços desenvolvidos com fins acadêmicos. Estas bibliotecas devem estar preparadas não apenas para atender as necessidades informacionais imediatas que surgem no dia a dia, mas auxiliar os seus usuários no desenvolvimento das competências por meio de capacitações, atividades de leitura, pesquisa, oficinas, seminários etc. As bibliotecas universitárias também podem extrapolar suas fronteiras, estar abertas e dialogar com outras instituições pensando na lógica das redes.

Por outro lado, estão os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) que foram criados como uma das estratégias da Reforma Psiquiátrica para substituir a lógica de internação dos pacientes nos manicômios e hospitais psiquiátricos, que muitas vezes eles eram internados sem nenhum tipo de diagnóstico e não recebiam atendimento humanizado. Os CAPS são instituições voltadas para atender pessoas com transtornos mentais ou em sofrimento psíquico decorrentes de uso de substâncias psicoativas. Fornecem atendimento médico, psicológico e outros serviços comunitários dentro do território. O território pode ser compreendido como uma área de cobertura de serviços extra-hospitalares. Praticamente, entende-se como uma descentralização do modelo manicomial. Estas instituições buscam fortalecer os laços afetivos e familiares e buscam a reintegração social.

Portanto, diante do exposto e discutido até o exato momento sobre a interdisciplinaridade, a Biblioteconomia, a Saúde Mental e, mais especificamente sobre a Biblioterapia, este artigo tem como objetivo principal relatar a experiência de uma atividade de biblioterapia realizada na Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina (BC/UFSC), com os usuários dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) do Município de Florianópolis.

2 BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS E O SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UFSC

Pode-se dizer que as bibliotecas universitárias, desde a Baixa Idade Média até os tempos atuais, desempenham um papel importante dentro da sociedade, principalmente, no que se refere à contribuição em prol do desenvolvimento científico, tecnológico, cultural e social. Como espaços de difusão e compartilhamento de conhecimento, as bibliotecas universitárias dentro da história da humanidade evoluíram com o passar do tempo. Com o intuito de atenderem as necessidades informacionais da comunidade acadêmica, vêm acompanhando os avanços tecnológicos da informação e da comunicação, bem como as mudanças comportamentais dos usuários (NUNES; CARVALHO, 2016). Inseridas dentro das instituições de ensino superior, quer sejam públicas ou privadas, as bibliotecas universitárias apoiam as atividades de ensino, pesquisa e extensão por meio de seus espaços físicos, acervos e dos serviços desenvolvidos com fins acadêmicos e científicos. Um dos fatores primordiais que se pode levar em consideração é que elas façam sentido para os usuários considerando, de certo modo, o contexto e o espaço que elas ocupam dentro da sociedade. Além das questões apontadas acima, essa instituição pode ter como foco, a gestão da informação e do acervo e o desenvolvimento das competências informacionais dos seus usuários. Sobre esse fator, Santos, Gomes e Duarte (2014, p. 2) pontuam que

A biblioteca universitária deve estar preparada não apenas para suprir as necessidades informacionais imediatas apresentadas pelos usuários, mas também para auxiliá-los no desenvolvimento da sua competência informacional, apoiando-os através de atividades que incentivem a leitura proficiente, produção escrita e a pesquisa, realizando oficinas, seminários, debates e palestras sobre temas de interesse de grupos de usuários, entre outras atividades de mediação da informação.

Sobre essa perspectiva, compreende-se que as bibliotecas universitárias além de fornecer apoio às atividades acadêmicas de ensino, pesquisa e extensão e, das atribuições de selecionar, organizar e disseminar a informação em seus diversos suportes, elas devem priorizar os usuários com relação às suas necessidades pessoais e profissionais no que se referem à apropriação da informação. Mesmo que os processos de organização, desenvolvimento de coleções e de disseminação da informação sejam significativos dentro

de uma instituição com essa configuração, não podemos esquecer-nos dos usuários como o centro e a motivação de todo o fazer biblioteconômico. Com isso, pode-se dizer que

[...] as bibliotecas realizem uma comunicação ativa com seus usuários, mostrando a estes as possibilidades de acesso a informações, estimulando as práticas de leitura, os debates a respeito dos temas atuais e intrigantes existentes nos materiais que integram o seu acervo físico, como também naqueles materiais disponíveis no ambiente virtual. (SANTOS; GOMES; DUARTE, 2014, P. 10).

Como exposto na citação acima, compreendemos e concordamos com as autoras ao defenderem que as bibliotecas universitárias sejam ativas para com a comunidade acadêmica e estimulem a prática da leitura e da pesquisa junto aos seus usuários. Sobre esse ponto de vista, pontuamos e defendemos que elas, as bibliotecas universitárias, não devem se fechar em seus campi e que possam ter uma dimensão mais ampla do seu potencial no que se refere ao desenvolvimento social, cultural e político do seu entorno. O entorno que nos referimos aqui deve ser pensado para além das limitações geográficas e físicas. Diante dessas argumentações, para delinearmos o caminho traçado nesta pesquisa, abordaremos a seguir sobre a Biblioteca Central da UFSC.

A Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina foi criada em 1968 com a consolidação do Campus Universitário para reunir os diversos acervos das faculdades de Direito, Ciências Econômicas, Farmácia, Odontologia, Medicina, Filosofia, Serviço Social e Engenharia Industrial. Teve como intuito melhorar as condições de prestação de serviços e otimizar o acesso e o uso da informação pela comunidade universitária. No ano de 1976, foi inaugurado o prédio da Biblioteca Central que, a partir de 1977, deu início ao processo de centralização e organização do acervo e passou a denominar-se Biblioteca Universitária (BU). Vale ressaltar, que somente não foram centralizados os acervos das bibliotecas que iriam requerer condições especiais de funcionamento, ou seja, as bibliotecas setoriais (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, 2019).

No ano de 1981, a BU colocou em revisão a política de centralização dos acervos das bibliotecas da UFSC o que resultou em uma nova política mais aberta e voltada aos interesses da comunidade acadêmica. Com isso, a Biblioteca Universitária passou a

coordenar o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Santa Catarina (SIBI/UFSC), possibilitando assim, o aumento das Bibliotecas Setoriais. Já no ano de 1995, o prédio da Biblioteca Central passou por uma reforma e ampliação o que resultou em uma área de 9.134m², sendo inaugurado em maio de 1996 (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, 2019). Atualmente, o Sistema de Bibliotecas da UFSC é composto por 11 (onze) bibliotecas e 2 (duas) salas de leitura, tal como demonstraremos abaixo:

- Biblioteca Central – BC
- Biblioteca Setorial do Colégio Aplicação – BSCA
- Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Agrárias – BSCCA
- Biblioteca Setorial do Centro de Ciências da Educação – BSCED
- Biblioteca Setorial do Centro de Ciências da Saúde – Medicina – BSCCSM
- Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Físicas e Matemáticas – BSCFM
- Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Jurídicas – BSCCJ
- Biblioteca Setorial do Campus de Araranguá – BSARA
- Biblioteca Setorial do Campus de Blumenau – BSBLU
- Biblioteca Setorial do Campus de Curitiba – BSCUR
- Biblioteca Setorial do Campus de Joinville – BSJOI
- Sala de Leitura de Curitiba – SLCUR
- Sala de Leitura José Saramago – SLJS (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, 2019).

O Sistema de Bibliotecas da UFSC (SIBI) tem como missão prestar serviços de informação à comunidade universitária para contribuir com a construção do conhecimento e o desenvolvimento da sociedade. Esta Instituição tem como visão ser referência na prestação de serviços de informação. Com o intuito de oferecer serviço de qualidade à comunidade acadêmica, apresenta os seguintes valores: ética, competência, qualidade, cooperação, inovação e comprometimento. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, 2019).

Diante da concepção da competência em informação, a Biblioteca Universitária da UFSC promove diversas ações, tais como: cursos, oficinas e disponibilização de materiais instrucionais e de apoio. Estas ações são recursos voltados para desenvolver as habilidades dos usuários no que diz respeito à pesquisa em fontes de informação on-line e normalização de trabalhos acadêmicos, que estão disponíveis para toda comunidade. Dentre os diversos módulos do Programa de Capacitação dos usuários da Biblioteca Universitária, podemos citar a Visita Orientada. Esta visita é guiada por um profissional bibliotecário, previamente

agendada, que irá apresentar a unidade, que seja biblioteca ou sala de leitura do Sistema de Bibliotecas. No momento da visita, são apresentadas informações importantes sobre os espaços de estudo e equipamentos disponíveis para uso; orientação sobre a pesquisa do acervo geral e das várias coleções especiais; apresentação das fontes impressas e dos recursos eletrônicas, além das normas de funcionamento da unidade. Em média, o tempo estimado das visitas orientadas gira em torno de uma hora.

A visita orientada pode ser agendada a partir de três situações: 1) diretamente com o responsável pelo agendamento no setor de Serviço de Circulação e Recuperação da Informação; 2) por meio do Portal de Atendimento Institucional (PAI); e através do e-mail institucional. Este serviço pode ser agendado por professores, alunos, servidores técnico-administrativos da UFSC ou por qualquer pessoa da comunidade externa. Portanto, a Biblioteca Central é uma unidade da BU que atende demandas informacionais e tem por finalidade apoiar a comunidade universitária nas suas atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Porém, como defendemos até aqui, as bibliotecas universitárias também exercem a sua missão para além das fronteiras e demarcações. É preciso que estejam abertas e dialoguem com outras instituições, se for o caso. Perante a abertura de agendamento de visitas orientadas para instituições externas, tais como escolas da Grande Florianópolis e de outros municípios do interior, surgiu, também, a oportunidade de proporcionar uma visita com os usuários dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) à Biblioteca Central. Mas afinal, o que são os CAPS? É justamente sobre essa instituição que trataremos a seguir.

3 OS CENTROS DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL (CAPS)

Uma vez que o objetivo deste trabalho é apresentar a experiência dos usuários do CAPS com relação à atividade de biblioterapia desenvolvida na Biblioteca Central da UFSC, é necessário, antes de darmos sequência ao nosso estudo. Dessa maneira, apresentaremos uma descrição mais detalhada sobre os objetivos dos Centros de Atenção Psicossocial dentro da política da assistência e da atenção em saúde mental com base na lógica territorial. Mas antes mesmo de entrarmos na discussão sobre a atenção em saúde mental

de maneira humanizada, é preciso contextualizar como foi tratada a loucura até pouco tempo atrás. Com isso, será preciso falar um pouco sobre a história dos manicômios e a desinstitucionalização da loucura.

De acordo com Torre e Amarante (2001) a história do manicômio mostra como se criou o processo de lidar com o sujeito estranho a si mesmo, onde esse indivíduo era visto como um mero objeto de investigação da psiquiatria. Neste espaço institucional, ou seja, no manicômio, há uma forte tendência do funcionamento da regra, da disciplina e do tratamento moral para a reeducação do sujeito alienado. Ao mesmo tempo, a institucionalização torna-se um lugar de tratamento e de necessidade para os interesses psiquiátricos e científicos. O isolamento, neste caso, foi uma das estratégias centrais de um modelo científico para tirar o objeto de investigação (sujeito) do seu meio natural e transpô-lo a um ambiente asséptico do laboratório (manicômio).

No livro *Holocausto brasileiro*, a jornalista Daniela Arbex (2015) reconstrói a história de um dos maiores manicômios do Brasil, o Hospital Colônia de Barbacena (MG). Esse manicômio era o destino de opositores políticos, epiléticos, alcoólatras, homossexuais, prostitutas, mendigos, moças que perderam a virgindade antes do casamento, empregadas que engravidavam de seus patrões etc. Os pacientes que apresentavam algum tipo de desvio de conduta moral que não fosse aceito pela sociedade naquela época eram internados sem que se houvesse um diagnóstico de doença mental e, com isso, muitos foram torturados, violentados e mortos. De acordo com Foucault (2009), o poder disciplinar nada mais é do que uma forma de controle do Estado e funciona como um processo de normatização para assegurar a ordem social, principalmente nos grandes centros. Esta política de coerção do Estado sobre os indivíduos torna-se uma forma de manipulação dos gestores e fabricação de corpos submissos, sobre a dominação de uma vigilância hierarquizada.

Podemos dizer que a Reforma Psiquiátrica e a desinstitucionalização da loucura foram ações, lutas e alternativas que contribuíram para a desconstrução das práticas manicomiais e para a construção de uma nova assistência em saúde mental baseada em redes de atenção com base no cuidado e na lógica territorial. Levando em consideração o documento do Ministério da Saúde (BRASIL, 2004), a reforma psiquiátrica foi, de certo modo, o deslocamento das práticas de assistência com base no isolamento para as práticas

de atendimento em direção à comunidade. Dentro dessa nova estratégia de cuidado em saúde mental estão os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS).

De acordo com Brasil (2004) os Centros de Atenção Psicossocial são serviços de saúde do Sistema Único de Saúde (SUS) voltados para o tratamento de pessoas com transtornos mentais, psicoses, neuroses graves e demais quadros de sofrimentos psíquicos. O atendimento tem como base o cuidado intensivo, comunitário e personalizado que promovam a saúde mental dos indivíduos diante de uma lógica singular. O objetivo dos CAPS é oferecer atendimento à população de sua abrangência e realizar acompanhamento clínico, psicológico e busca restabelecer a reinserção social dos usuários pelo acesso ao trabalho, lazer, exercício dos direitos civis, fortalecer os laços familiares e comunitários. Vale pontuar, que esses serviços de saúde mental foram criados como uma estratégia para substituir às internações nos manicômios e nos hospitais psiquiátricos.

Dando sequência a essa argumentação, os CAPS são instituições destinadas a acolher usuários em sofrimento psíquico ou com necessidades decorrentes de usos de substâncias psicoativas. Essas instituições têm como metas fortalecer os laços afetivos e familiares, estimular a inserção social dos usuários por meio do trabalho, lazer e exercício dos direitos civis etc. Para suprir esses objetivos, os CAPS fornecem atendimento médico e psicológico para a comunidade dentro do território, diferente da lógica manicomial de isolamento (CHAGAS, 2017). De acordo com a portaria nº 3.088, de dezembro de 2011, que institui a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) os CAPS são indicados para municípios ou regiões conforme o número de habitantes, tal como os exemplos seguintes: CAPS I acima de 20 mil habitantes; CAPS II e o CAPS AD com população acima de 70 mil; o CAPSi acima de 150 mil habitantes; e por último os CAPS III e CAPS AD III com população acima de 200 mil (BRASIL, 2011).

A Rede dos Centros de Atenção Psicossocial do Município de Florianópolis é composta, atualmente, por quatro centros que estão distribuídos da seguinte maneira: dois deles situados na Ilha de Florianópolis e duas unidades localizada na parte continental. São eles: CAPS II Ponta do Coral (que antes situava-se no bairro Agrônômica, atualmente está na parte continental do município) tem o objetivo de atender adultos em sofrimento psíquico; CAPSi voltados para atender crianças e adolescentes; e os CAPS AD Continente e CAPS AD

Ilha para atendimento de adultos com problemas decorrentes do uso de álcool e outras drogas. Essa rede de saúde mental desenvolve serviços de referência no atendimento intensivo e ações voltadas para a reinserção psicossocial dos seus usuários. Além dessas atividades, a rede CAPS presta apoio às equipes de Saúde Mental e Saúde da Família dentro de suas especificidades, respeitando a singularidade de cada caso (FLORIANÓPOLIS, 2010).

Neste momento, vale pontuar que o Brasil, desde a década de 1980, vinha apresentando um contínuo progresso nas políticas de atenção à saúde mental. As medidas tomadas pelo governo federal a partir de 2016 e reafirmadas pelo governo atual, gestão que iniciou em 2019, vêm causando impacto nos indicadores da política de saúde mental e um crescente processo de desmonte e de retrocesso nos serviços alcançados pela reforma psiquiátrica e pela luta antimanicomial desde às décadas passadas. Dentre as medidas, podemos destacar: a desconstrução do Sistema Único de Saúde (SUS) e das políticas intersetoriais (educação, assistência social etc.); ampliação do financiamento e restauração da centralidade dos hospitais psiquiátricos; redução do cadastramento de Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), uma vez que o Ministério da Saúde deixou de fornecer os dados sobre a rede de serviços de saúde mental etc.

Então, podemos dizer que a reforma psiquiátrica foi e ainda continua sendo uma construção sólida e lenta, mas que está em risco. Assim como, está também, a democracia, uma vez que o acirramento do ódio e da desigualdade são componentes do contexto grave que estamos vivenciando. No campo da atenção psicossocial a união entre profissionais, estudantes, usuários e familiares será importantíssima para que a atenção à saúde mental não caia novamente no confinamento e no isolamento, mas que haja a afirmação e a demarcação dos serviços no território (DELGADO, 2019).

Por isso, destaca-se a importância de desenvolver atividades com pessoas em sofrimento psíquico para além dos hospitais psiquiátricos e dos CAPS. As atividades com esses usuários podem ser desenvolvidas nas praças, nas ruas, nos museus, bibliotecas, etc.; tal como apresentaremos mais adiante sobre a atividade de biblioterapia desenvolvida na Biblioteca Central da UFSC. Ademais, para darmos continuidade ao percurso traçado, é preciso definir e caracterizar o que de fato é a biblioterapia e os seus benefícios.

4 BIBLIOTERAPIA: UM CAMINHO PARA A RESSIGNIFICAÇÃO DO SER

Mas afinal o que é a biblioterapia? A palavra biblioterapia é composta por dois termos de origem grega: livro e terapia. Portanto, a biblioterapia é uma forma de terapia por meio de livros ou materiais de leitura, que tem finalidades terapêuticas em diversos ambientes. Pode-se dizer que essa técnica situa-se na corrente da hermenêutica existencial com o objetivo de interpretação da vida enquanto existência (OUAKNIN, 1996). Podemos dizer que essa hermenêutica existencial é uma área dentro da filosofia que irá se debruçar no campo da compreensão do ser e de sua relação com o mundo. Diante dessa breve explanação, afirmamos que a ação biblioterapêutica tem o objetivo de valorizar subjetividade dos indivíduos no que se refere à história de vida de cada um, as suas experiências no mundo e as trocas intersubjetivas entre os participantes do grupo a partir da leitura.

A biblioterapia do ponto de vista histórico, remete às antigas civilizações egípcia, grega e romana que consideravam as bibliotecas como espaços sagrados, isto é, repositórios de textos cuja leitura tem a possibilidade de contribuir com o alívio das dores e enfermidades. Retomando aos antigos, medicina e leitura sempre foram parceiras com relação ao cuidado do ser. Mais próximo do nosso tempo e, mais precisamente, desde o século XIX, nos Estados Unidos da América, a leitura individual em hospitais passou a ser utilizada como um processo importante para a recuperação dos enfermos. Vale pontuar, que a biblioterapia ganha esse nome específico a partir do século XX, quando ficou conhecida como leitura compartilhada e em seguida, como discussão em grupo (CALDIN, 2010).

De acordo com Seitz (2006), a biblioterapia no início era voltada para hospitais psiquiátricos e posteriormente, passou a ser utilizada em outras instituições. Atualmente, ela pode ser desenvolvida em diversos campos de atuação e ser explorada por médicos, psicólogos, bibliotecários, educadores e outros profissionais. A biblioterapia, de certo modo, pode ser aplicada em unidades penais, na educação, na medicina, na psiquiatria e com idosos. Portanto, há um vasto campo de atuação que possibilita profissionais de diversas áreas do conhecimento trabalharem a literatura como uma ferramenta terapêutica. Dando

sequência a essa discussão, Caldin (2010) afirma que a bibliografia brasileira sobre esse campo de discussão aponta a Biblioteconomia e a Psicologia como áreas atuantes da biblioterapia. Essa bibliografia concebe que a biblioterapia é dividida em duas categorias, que são: a biblioterapia do desenvolvimento que é mediada por bibliotecários e a biblioterapia clínica que é desenvolvida por psicólogos. Ambas utilizam como ferramenta principal o texto literário e ficcional. Há quem defenda, também, a utilização de materiais informacionais e didáticos.

Do ponto de vista da aplicabilidade da arte da biblioterapia, Souza (2019) argumenta que a biblioterapia pode ser aplicada por bibliotecários no seu trabalho de mediação que envolva a leitura literária, como uma forma de mobilizar os afetos e cuidar do ser humano. Esta autora pontua alguns pré-requisitos fundamentais para que haja sucesso no processo biblioterapêutico que são: gostar do aspecto humano e social da profissão; disposição em querer ajudar os indivíduos no seu desenvolvimento enquanto seres humanos; que o profissional tenha gosto pela leitura literária e que esteja disposto a mexer com as próprias emoções para poder lidar com as emoções do outro.

Podemos dizer que a biblioterapia, como campo da atuação do bibliotecário, pode ser uma área riquíssima de possibilidade de transformação social que se efetivará por meio da mediação da leitura e das trocas intersubjetivas. Levando em consideração os argumentos sobre o aspecto profissional, Seitz (2006) defende que é necessário que o bibliotecário assuma essa tarefa para não correr o risco que a atividade da biblioterapia se torne uma especialidade de outras áreas do conhecimento. É preciso que os profissionais da área da informação adquiram consciência da importância da leitura, dos leitores e dos benefícios proporcionados por meio da atividade da biblioterapia.

Para que a atividade de biblioterapia seja bem-sucedida é preciso escolher um local silencioso e reservado que possibilite a recepção do texto literário, assim, como também, um espaço propício para as trocas entre os participantes. Cabe à criatividade do bibliotecário eleger o lugar adequado dentro da instituição para que a ação biblioterapêutica possa ser desenvolvida de maneira eficiente (SOUZA, 2019). Corroborando com o pensamento dessa autora, compreendemos que a localização adequada é um fator primordial para que a atenção dos participantes não seja desviada,

caso essa atividade seja aplicada em um lugar aberto e com muito ruído. É preciso que seja um ambiente agradável e acolhedor para que as pessoas se sintam confortáveis para a ação que está sendo desenvolvida. Esse detalhe mostra a preocupação do profissional não apenas com a atividade em si, mas uma preocupação com relação ao cuidado com o outro, ou seja, o cuidado com o ser. Estamos falando do campo da leitura e da subjetividade: interpretação, catarse e emoções são fatores hermenêutico-existenciais para uma compreensão mais ampla diante da relação do homem com o mundo. Transitar neste campo requer um olhar humanizador e crítico da lógica mecanicista e do mundo prático atual.

A leitura, narrativa ou dramatizada, pode proporcionar a catarse. A catarse é um estado em que o indivíduo libera emoções à medida que se identifica com as personagens da narrativa. Este estado de introspecção pode ser o primeiro passo para a reeducação ou ressignificação das emoções e do ser. Para que o objetivo dessa ação seja atingido, não se deve apenas realizar uma simples leitura, mas é preciso que haja comentários advindos da leitura associados com a vivência dos ouvintes. É necessário ouvir o novo contexto criado pelos participantes e valorizar as trocas de experiência como uma síntese de significações e criação (CALDIN, 2010).

Ainda sobre a importância da leitura, Petit (2008, 2009) afirma que o ato de ler possibilita a abertura de um novo horizonte, proporcionando um estado de devaneio que permite ao leitor a construção de um mundo interior e psíquico, contribuindo, de certa maneira, com o processo de empoderamento e afirmação do sujeito. A leitura converte-se em um gesto que reforça a singularidade dos indivíduos, ajudando-os a lidar com as suas próprias questões internas. Ainda sobre essa importância, Petit (2008, p. 72) acrescenta que, “[...] a leitura pode ser, em todas as idades, justamente um caminho privilegiado para se construir, se pensar, dar um sentido à própria experiência, à própria vida; para dar voz a seu sofrimento, dar forma a seus desejos e sonhos.” Sobre a superação da dor e do sofrimento, Seitz (2006, p. 60) acrescenta:

A leitura de um romance permite ao leitor incorporar o personagem do livro e embarcar em uma viagem repleta de emoções sonhadas e, no retorno dessa viagem, esse leitor pode não ser mais o mesmo, pois algo de fundamental sobre seu ser e do seu desejo pode ser revelado e provocado. O

leitor pode, ainda, encontrar personagens com problemas semelhantes aos seus, ou ainda, iguais aos seus, o que pode contribuir lhe dando incentivo para superar seus problemas.

Diante do que foi exposto até o exato momento e, com base nos argumentos de especialistas no campo da biblioterapia, compreendemos a importância da mediação da leitura com teor terapêutico nos diversos espaços sociais e institucionais. A biblioterapia é uma forma riquíssima de promover a saúde mental e poderá ser um caminho para a ressignificação dos sujeitos. Ao mesmo tempo, poderá ser uma maneira para que o profissional bibliotecário possa pensar a sua responsabilidade social diante do mundo da vida, ou seja, do ponto de vista existencial.

5 RELATO DA EXPERIÊNCIA

Nas seções anteriores, apresentarmos o referencial teórico sobre as bibliotecas universitárias e mais especificamente sobre a Biblioteca Central da UFSC; sobre a missão, objetivos e serviços dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) alinhados a estratégia da Reforma Psiquiátrica; e por último, uma seção que discute sobre a importância da biblioterapia como uma atividade que possa minimizar conflitos e possibilitar a ressignificação dos sujeitos. Dessa forma, neste momento, podemos com maior propriedade descrever o relato de experiência sobre a atividade de biblioterapia ocorrido na Biblioteca Central da UFSC com os usuários dos CAPS AD Ilha e CAPS AD Continente.

Os CAPS AD Ilha e o CAPS AD Continente do Município de Florianópolis desenvolvem um projeto intitulado *“Trajetos Culturais”*. Esse projeto tem como objetivo realizar visitas aos espaços culturais e públicos da cidade, tais como: museus, cinemas, exposições de arte, órgãos públicos etc. Os profissionais levam os usuários para conhecerem esses espaços como uma forma de reintegração social e cultural. Vale pontuar que, por meio da pesquisa *“Rede de bibliotecas em ambientes de saúde mental: um diálogo interdisciplinar”* defendida pelo autor deste artigo no Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), detectou-se que bibliotecas públicas não faziam parte da rota de visita desse projeto. A partir dessa investigação, despertou-

se o desejo de conhecerem a Biblioteca Central (BC/UFSC) por meio de uma visita orientada.

A Visita Orientada compõe um dos módulos da Capacitação dos Usuários da Biblioteca da UFSC. Essa atividade, acompanhada de um profissional bibliotecário, consiste no reconhecimento dos espaços físicos, apresentação dos serviços informacionais e das normas da instituição, visita ao setor da memória da biblioteca e contemplação das exposições montadas em diversos espaços da Instituição. Para esse público dos CAPS, além desse roteiro descrito acima, realizou-se a atividade de biblioterapia com o objetivo de incentivar a leitura, estimular o uso das bibliotecas e trabalhar a produção subjetiva. Sobre a questão da subjetividade, abordamos temas como amizade, vínculo afetivo, lidar com as emoções e afetos e a questão do sofrimento psíquico.

A atividade foi realizada na Sala Harry Laus, localizada no andar superior da Biblioteca Central. Esta sala foi um espaço adequado não apenas para a atividade de leitura, mas também para as discussões posteriores com as pessoas. Os usuários dos CAPS e os profissionais que os acompanhavam sentaram-se em círculo e o profissional bibliotecário leu as duas obras pré-selecionadas para essa atividade: *“O trem da amizade”* de Wolfgang Slawski e *“O menino Nito”* de Sonia Rosa. Para justificarmos a escolha dessas duas obras literárias e, como uma maneira de descrever e compreendermos o conteúdo de caráter subjetivo, apresentaremos a seguir uma pequena sinopse de cada uma delas.

Na obra *O trem da amizade*, o protagonista chamado Arthur, é um senhor de boné xadrez que todos os dias, sentado no banco da estação de trem, esperava que alguém viesse visita-lo e, no entanto, nunca recebia ou despedia-se de alguém. Por isso, ficava triste e cabisbaixo. Ao decidir entrar em ação e fazer uma escolha, comprou um bilhete e foi até a próxima estação. Conheceu um homem que estava só e que também nunca recebera alguém. Juntos decidiram ir à estação seguinte. Os dois, que agora eram amigos, encontraram uma mulher que também estava à espera de um abraço de alguém. Desta maneira, eles foram criando os laços afetivos e uma rede de amizade. É possível realizar uma metáfora da viagem do trem com o próprio fluxo temporal dos indivíduos lançados na vida. Esta obra supriu o nosso desejo que era de trabalhar os vínculos, as amizades, a solidão e como poderíamos pensar uma maneira de promoção da saúde mental.

Em *O menino Nito*, narra-se a história de um menino que chorava por qualquer coisa. Até que, certo dia, o seu pai o repreendeu severamente dizendo que já estava na hora de parar de chorar, uma vez que ele já era um rapazinho e homem que é homem, não chora. Nito, após ouvir esse discurso do seu pai, passou a prender o choro e parou de chorar. Engolia todos os choros e nenhuma lágrima mais rolou por sua face. Com os sentimentos reprimidos, passou a ficar triste, não quis mais brincar e ficou até doente. Era preciso “*desachorar*” e liberar as emoções. É uma história bela sobre como lidar com os sentimentos, emoções e afetos, questões de extrema importância para evitar as doenças psicossomáticas. Foram discussões e reflexões riquíssimas sobre o cuidar de si.

Após a leitura, dedicou-se um tempo para que o bibliotecário e os participantes dialogassem e refletissem sobre os assuntos abordados. A leitura das duas obras possibilitou a abertura para tratar de temas direcionados à subjetividade, tais como: emoções, sentimentos, como lidar com o sofrimento humano e a necessidade de buscar novos vínculos afetivos com o intuito de promover a saúde mental. Não foi apenas uma leitura da obra findada em si mesma, mas uma leitura ativa que possibilitasse a associação do tema de maneira significativa com a vivência dos participantes. Foi justamente nesse momento das trocas intersubjetivas que os fenômenos psíquicos foram surgindo mediante a contextualização, lembranças, memórias, metáforas e associação de ideia, promovendo, desta maneira, a produção da subjetividade.

Cada participante ficou livre para falar ou apenas para ouvir o discurso dos outros. No entanto, percebeu-se uma sinergia e uma interação muito positiva no grupo sobre a discussão das histórias. Muitos associaram alguns trechos da literatura com a própria narrativa da vida pessoal. Foi um momento importante, singular e riquíssimo de afeto e de sentimento compartilhado. Surgiram falas como: “Eu me vi nessa história”, “Eu já passei por situação semelhante” ou “Essa história me fez refletir sobre a minha vida” etc. Um dos participantes ficou muito emocionado e agradeceu o acolhimento que ele recebeu dos profissionais dos CAPS. Sobre a questão dos novos vínculos, ele falou que nesta instituição ele considera todos como uma família. Foram essas pessoas que o acolheram quando ele mais precisou na vida. Foi um momento muito significativo da atividade. A trama dos protagonistas das duas obras, Arthur e Nito, foi inspiradora para que fenômenos psíquicos

fossem aflorados e houvesse a participação e interação durante essa atividade de biblioterapia.

Após esse primeiro momento de diálogo, iniciamos um segundo instante em que foi distribuído um material impresso intitulado “*Como lidar com seus sentimentos*”. Esse material foi elaborado com antecedência a partir de uma reportagem disponível sobre essa temática no site “*Wikihow*”. Foram listados alguns temas de como lidar com as próprias emoções, afinal, as emoções e os afetos transcendem a lógica da razão humana. Esse momento foi revelador e essencial para mostrar aos usuários dos CAPS sobre a importância da produção subjetiva e a necessidade de refletir, pensar e ressignificar a própria vida a partir do autoconhecimento.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessa atividade, constou-se que a biblioterapia é uma atividade importante que pode ser aplicada por profissionais de diversos campos de atuação com o objetivo de promover o bem-estar e a produção subjetiva dos participantes. A leitura, a narração e a dramatização de obras literárias, podem proporcionar a catarse nos sujeitos como um estado importante para liberação de emoções e afetos que, muitas vezes, encontram-se reprimidos. A introspecção e a reflexão propiciam a reeducação e a ressignificação dos sofrimentos psíquicos.

A atividade desenvolvida foi agendada a partir da percepção da necessidade de inclusão das bibliotecas na rota do projeto “*Trajetos Culturais*”, que visitam espaços públicos e culturais da cidade. Quanto a essa lacuna, coloca-se a seguinte questão: por que as bibliotecas não faziam parte da rota desse projeto? Essa é uma reflexão que se pode lançar como uma maneira de repensar, enquanto profissionais bibliotecários, a nossa missão social e a representatividade das instituições bibliotecas junto à sociedade. Outro fator importante é apontar que as universidades e as bibliotecas universitárias não devem fechar-se em si mesmas. Elas podem e devem estar abertas não apenas para a sua comunidade específica, mas pode fazer sentido para além dos seus campi, como forma de investimento social na comunidade.

Pontua-se também que, por meio da pesquisa “*Rede de bibliotecas em ambientes de saúde mental*”, estudo acima citado, detectou-se que cada CAPS têm pequenos acervos de livros, mas que não possuem bibliotecas estruturadas e nem profissionais bibliotecários atuando nesses espaços. Percebeu-se que, os CAPS seriam *nichos* importantes que poderiam ser ocupados por bibliotecários para a promoção da leitura, da autonomia dos sujeitos, do fortalecimento dos laços afetivos e para o desenvolvimento cognitivo por meio da leitura. Como os CAPS também trabalham no território e em parceria com outras instituições, vale fortalecer a importância de ações para além dos seus muros e que os outros espaços institucionais não se fechem para esse público. A visita orientada e a atividade de biblioterapia na BC/UFSC, para esse público específico, são ações importantes que convergem para a lógica do eixo temático do Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação (CBBB): *Ninguém fica para trás*, ocorrido na cidade de Vitória (ES) no período de 01 a 04 de outubro de 2019.

Compreende-se que a aplicação de atividade de biblioterapia com os usuários dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) do Município de Florianópolis favoreceu o bem-estar, motivação sobre a leitura e interação dos participantes sobre a promoção da saúde mental. Pode-se dizer que o uso da linguagem, da fala e da escuta são recursos importantes para os processos de aprendizagem, produção e socialização do conhecimento. Esse momento proporcionou a verificação da importância da promoção da leitura e de ações biblioterapêuticas nos diversos espaços sociais e institucionais.

REFERÊNCIAS

ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro**. 13. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 3.088, de 23 de dezembro de 2011**. Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde. Diário Oficial da União. Brasília, DF, de 26 de dezembro de 2011. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt3088_23_12_2011_rep.html. Acesso em: 15 nov. 2019

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Saúde mental no SUS: os centros de atenção psicossocial. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: http://www.ccs.saude.gov.br/saude_mental/pdf/sm_sus.pdf. Acesso em: 14 nov. 2019.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Biblioterapia**: um cuidado com o ser. São Paulo: Ponto de Ideias, 2010.

CHAGAS, Ricardo de Lima. **Rede de bibliotecas em ambientes de saúde mental**: um diálogo interdisciplinar. 2017. 378 p. Dissertação (Mestrado profissional) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação, Florianópolis, 2017. Disponível em: https://www.udesc.br/arquivos/faed/id_cpmenu/1440/dissertacao_ricardo_15689009582748_1440.pdf. Acesso em: 07 nov. 2019.

COMO lidar com seus sentimentos. **wikiHow**. Disponível em: <https://pt.wikihow.com/Lidar-Com-Seus-Sentimentos>. Acesso em: 10 abr. 2019.

DELGADO, Pedro Gabriel. Reforma psiquiátrica: estratégias para resistir ao desmonte. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 1-4, 2019. Editorial. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tes/v17n2/1678-1007-tes-17-02-e0020241.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2019.

FLORIANÓPOLIS. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Saúde. **Protocolo de atenção em saúde mental**. Tubarão: Ed. Copiart, 2010. Disponível em: http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/05_08_2011_9.41.44.1bf62fa463bec5495279a63c16ed417f.pdf. Acesso em: 10 nov. 2019.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 37. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

NUNES, Martha Suzana Cabral; CARVALHO, Kátia de. As bibliotecas universitárias em perspectiva histórica: a caminho do desenvolvimento durável. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 21, n.1, p.173-193, jan./mar 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pci/v21n1/1413-9936-pci-21-01-00173.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2019.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. São Paulo: Loyola, 1996.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Ed. 34, 2009.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. São Paulo: Ed. 34, 2008.

ROSA, Sonia. **O menino Nito**. 4. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

SANTOS, Raquel do Rosário; GOMES, Henriette Ferreira; DUARTE, Emeide Nóbrega. O papel da biblioteca universitária como mediadora da informação para construção de conhecimento coletivo. **DataGramZero - Revista de Informação**, v. 15, n. 2, abr. 2014. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/50788>. Acesso em: 20 nov. 2019.

SEITZ, Eva Maria. **Biblioterapia**: uma experiência com pacientes internados em clínicas médicas. Florianópolis: ACB: Habitus, 2006.

SLAWSKI, Wolfgang. **O trem da amizade**. São Paulo: Brinque-Book, 1998.

SOUZA, Carla. Biblioterapia e a mediação afetuosa da literatura: experiências de bibliotecári@s em bibliotecas. *In*: PRADO, Jorge Moisés Kroll do (org.). **Mediação da leitura literária em bibliotecas**. Rio de Janeiro: Malê, 2019. p. 107-120.

TORRE, Eduardo Henrique Guimarães; AMARANTE, Paulo. Protagonismo e subjetividade: a construção coletiva no campo da saúde mental. **Ciênc. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 73-85, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v6n1/7026.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Biblioteca Universitária**. Florianópolis, 2019. Disponível em: <http://portal.bu.ufsc.br/>. Acesso em: 20 nov. 2019.